

difusão de sua compreensão de mundo e para a autodefesa. Tais movimentos foram muito perseguidos, mas como eram organizados, suas compreensões sobre o sagrado persistiram por muito tempo.

Importante levar em conta que nesse período histórico a vida em sociedade era interpretada desde a perspectiva religiosa. Embora não seja possível afirmar que tais grupos estivessem conscientes de que estavam pensando uma nova sociedade a partir do desenvolvimento de um novo pensamento teológico, era o que faziam.

Entrevista

Romi Márcia Bencke*

“A fé também precisa da dúvida. Dialogar não é julgar.”

Temporal: *A noção de tolerância origina-se não apenas de um núcleo de disputas teológicas, mas também do embate desse pensamento com a própria dinâmica social das reformas religiosas. Na sua visão, como pensar essa relação entre o pensamento teológico, que evidentemente possui um cerne conceitual, e as questões histórico-sociais? Ou seja, como pensar a relação entre a teologia e os conflitos e divergências político-sociais que se põem a cada momento histórico como novos desafios?*

Existe a compreensão de que a noção de tolerância tem suas origens, em especial no Ocidente, nos conflitos entre pessoas cristãs ocorridos no contexto da Reforma protestante. Como é amplamente conhecido, as pessoas começaram a questionar e manifestar seu desacordo com as práticas da Igreja Católica Romana daquela época.

Entretanto, já nos séculos XII e XIII existiam movimentos que, identificados como heréticos, reivindicavam uma nova sociedade. Esses movimentos apresentavam um programa social que interpretava a tradição religiosa, ao mesmo tempo em que organizavam estratégias para a sua sustentabilidade econômica, para a

Estes movimentos heréticos inauguraram um momento importante e nem sempre reconhecido de renovação espiritual cuja base principal era a justiça social. Tais movimentos denunciaram as hierarquias sociais. Claro que entre as hierarquias estava também a Igreja, que dominava e controlava todos os aspectos da vida. A corrupção clerical era uma das denúncias desses movimentos.

A perseguição sofrida por estes grupos foi grande. Suas lideranças eram condenadas à pena de morte. Uma das respostas do poder eclesial da época foi condenar, pela primeira vez, a homossexualidade, compreendida como algo não natural (1179) e expulsar as mulheres de qualquer participação dos espaços litúrgicos. A sexualidade foi sendo convertida em pecado e tornou-se um assunto para a confissão. Essa reação foi uma resposta aos movimentos heréticos que garantiam espaço de protagonismo para as mulheres. Nesses movimentos elas tinham os mesmos direitos que os homens, administravam a eucaristia, pregavam a Palavra e batizavam. Um exemplo desses movimentos são os valdenses que têm em Pedro Valdo a liderança historicamente reconhecida.

Recupero essa história para ilustrar o choque entre diferentes compreensões

teológicas. Como em qualquer área de pensamento, também na teologia as diferentes compreensões se confrontam. As teologias que questionam as hierarquias e outros poderes serão sempre tidas como marginais, ilegítimas ou desvirtuadas. Enquanto as teologias reafirmadoras de doutrinas, que não estabelecem pontes de diálogo com o contexto social e histórico, que reafirmam o *status quo* das instituições e hierarquias eclesiais, políticas e econômicas são as oficialmente reconhecidas. Nessa tensão percebe-se a falta de abertura para compreender o que seria, desde a perspectiva da fé, a encarnação/presença de Deus na história.

Importante dizer que essa tensão está presente nas teologias das mais variadas tradições de fé. Na história da Reforma, por exemplo, não podemos esquecer do massacre dos anabatistas (1533).

É claro que a Reforma ocorrida em 1517, é um marco relevante para a gradativa elaboração do conceito tolerância. A Reforma é compreendida como uma das primeiras grandes divisões do cristianismo. Católicos e protestantes praticaram violências mútuas. A guerra religiosa era uma guerra pela interpretação do Evangelho. Os conflitos não eram entre diferentes países. Como destaca Roger-Pol Droit, eram as pessoas que se matavam por causa da religião. Elas eram do mesmo país, da mesma cidade e, muitas vezes, da mesma família.

A Guerra dos Trinta Anos é decisiva para repensar o papel da religião na sociedade. A partir das guerras religiosas do Ocidente compreendeu-se que era necessário garantir a liberdade de consciência das pessoas, que deveriam ser livres para optar por essa ou aquela tradição de fé. Por outro lado, se começa a perceber que o Estado teria que ser neutro em relação à religião, pois ele teria um papel importante tanto para intermediar os conflitos quanto para garantir a tolerância entre as tradições de

fé, para garantir o direito daquelas pessoas que não queriam pertença religiosa. Cabe ao Estado zelar para que todas as pessoas tenham os seus direitos respeitados. Desde a perspectiva da tolerância, não cabe ao Estado orientar-se por valores religiosos e nem privilegiar esta ou aquela religião. A neutralidade do Estado em relação à religião é fundamental, portanto, para que práticas de tolerância sejam possíveis. A tão falada laicidade do Estado se forma a partir desse processo. Tolerância e laicidade, portanto, são primas-irmãs.

Alguns filósofos foram importantes para o desenvolvimento desse entendimento, entre eles Leibniz, John Locke, Voltaire, entre outros.

No Brasil, vivemos um período de muitas intolerâncias que envolvem a religião, em especial, expressões do cristianismo que não aceitam outras tradições religiosas como as afro-brasileiras e indígenas. Tais expressões do cristianismo não aceitam a diversidade humana como expressão do amor de Deus.

Há várias formas para interpretar esses conflitos. Entendo que é necessário um olhar multidisciplinar para compreendê-los. Nesse sentido, considerar o papel da teologia como uma das áreas do conhecimento para analisar o que está ocorrendo é fundamental. Isso porque, a disputa por poder, a implementação de uma agenda política e econômica que aprofunda o racismo, patriarcalismo e outras formas de exclusão, dominação e opressão, é legitimada com um discurso bíblico-teológico. Controlar o significado de Deus é algo extremamente poderoso. Nota-se que a disputa pelo Estado se faz também com alianças entre política e religião, isso tanto à esquerda quanto à direita. No Brasil, por exemplo, o controle do corpo da mulher, o controle da sexualidade humana, a definição de família são decididos a partir de compreensões teológico-doutrinárias. Por que não ouvir e



dialogar com as “teologias heréticas” de hoje, como a feminista, a *queer*, a negra e tantas outras?

Os atuais discursos de dominação são teológicos e a fundamentação é bíblica.

Nesse sentido, mais do que pensar a relação entre a teologia e os conflitos e divergências político-sociais, é necessário reconhecer a Teologia como uma área de conhecimento legítima e capaz de contribuir para a compreensão e interpretação da cultura religiosa presente na sociedade.

No Brasil, a teologia sempre foi vista como sem importância. Ela é a renegada das diferentes áreas das Ciências Humanas. Com isso, toda a análise que se faz sobre os conflitos que envolvem a religião são limitadas. É claro que essa Teologia não deveria ser confessional e representar uma única tradição. Seria necessário ouvir e dialogar com as teologias das diferentes tradições. A Teologia é plural. Nesse sentido, creio que deveríamos pensar a relação da teologia com as diferentes áreas do conhecimento humano para compreendermos as divergências e os conflitos político-sociais. No Brasil, há uma carência de conhecimento teológico que ajuda a explicar a propagação de visões mágicas e fundamentalistas do cristianismo.

Temporal: *Historicamente, o cisma das religiões pode ser visto como uma dificuldade limítrofe em acomodar diferenças. No caso mais específico das reformas históricas, diferenças teológicas. Se essa visão é de algum modo válida, como atualmente a(s) igreja(s) tenta (m) acomodar conflitos/divergências no seio de uma mesma religião?*

Primeiro, é necessário esclarecer que quando se fala em religiões estamos falando em Cristianismo, Judaísmo, Islã, Budismo, Hinduísmo, Candomblé, Umbanda, Espiritismo, Jurema e tantas outras. Quando falamos no Cristianismo, precisamos considerar as várias tradições/confissões: Ortodoxa, Católica Romana, Protestantes e toda a sua pluralidade: Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Pentecostais, etc...

Desde o meu ponto de vista, o cisma entre as religiões ou os cismas no cristianismo não são problemáticos. Não penso que as diferenças deveriam ser acomodadas. A grande dificuldade é acolher a pluralidade religiosa como valor positivo.

Não podemos ser ingênuos em relação à religião. Nela há também um DNA de dominação e de violência sempre que uma ou outra tradição pretende ser exclusiva e nega ou tenta aniquilar a pluralidade. Compreendo que esta é a principal tensão. As diferentes perspectivas da compreensão do Sagrado são expressões de fé, de relacionamento do ser humano com a transcendência.

Já religião e igrejas são conceitos que remetem às institucionalidades. São as institucionalidades que provocam os conflitos sempre que uma se autopromove mais legítima do que a outra ou então que se vincula com os poderes.

Desde a perspectiva da fé, creio que as diferentes tradições contribuem positivamente para a superação dos conflitos sempre que

fortalecem a prática as dimensões do amor ao próximo, não de um amor ingênuo, mas lúcido e crítico, da solidariedade, que não nega as ambiguidades humanas e nem a autonomia. É o que destaca Habermas de que os valores da liberdade, da autonomia, da igualdade e dos direitos universais, nesse caso, que envolvem também a natureza, derivam da ética judaica e da ética cristã do amor. Eu iria mais longe e diria que esta perspectiva está presente em todas as tradições de fé.

Especificamente sobre a pergunta relacionada ao Cristianismo e as ações práticas para superar conflitos e divergências posso citar várias iniciativas que ocorrem no contexto dos 500 anos da Reforma, considerada a primeira comemoração autenticamente ecumênica, porque está sendo celebrada por católicos romanos e protestantes. No contexto de comemoração dos 500 anos foram elaborados e assumidos documentos conjuntos. O mais recente é o documento do “Conflito à Comunhão” em que tanto a Igreja Católica Romana quanto as Igrejas Luteranas, representadas pela Federação Luterana Mundial, assumem os excessos cometidos em 1517 em diante e reconhecem o que de comum as une.

No entanto, documentos, apesar de relevantes, são sempre limitados se, na prática, não se assume a perspectiva do diálogo e do reconhecimento do outro. Creio que atualmente, há uma tendência de pouca abertura para o diálogo, apesar dos avanços já ocorridos.

No Cristianismo, nas diferentes confissões, temos uma miscelânea de sacerdotes/pastores que ao invés de proclamar o amor e a fé em Jesus Cristo estão, na verdade, se autoproclamando. A centralidade da fé em Jesus Cristo é relativizada. Em seu lugar é colocado a centralidade de seguir este ou aquele líder religioso ou Igreja. Estamos mais para a idolatria do que para o seguimento a Jesus Cristo.

No Brasil há o grande desafio de estabelecer pontos de diálogo entre a fé cristã e as atuais agendas presentes na sociedade, relacionadas com os direitos humanos. As pessoas e grupos cristãos que tentam fazer este diálogo são minorias nas diferentes Igrejas. A fé, para manter-se viva, precisa dialogar com os desafios contemporâneos. A fé também precisa da dúvida. Dialogar não é julgar. É abrir-se para novas compreensões e práticas, deixar-se questionar, entrar em crise. Creio que ali reside o maior desafio. No que diz respeito à fé, as pessoas estão com certezas de mais e dúvidas de menos. Isso leva ao fundamentalismo.

Temporal: *Alguns autores, Slavoj Žižek, para lembrarmos só um dos citados neste dossiê, procuram entender a nova dinâmica não hegemônica, ou hegemônica apenas como ideologia, da tolerância. Outros autores, mais próximos à linhagem de Michel Foucault das microfísicas do poder, pensam que atualmente não há um conflito hegemônico, mas pequenas zonas de tensão, de diferenças, geralmente envolvendo aspectos da vida como sexualidade, família, trabalho, gênero, etnia. Uma espécie de multiplicidade capilarizada, se podemos retomar o tema de Foucault. Se essas interpretações são de algum modo efetivas, como, na sua visão, a teologia procura ouvir e se posicionar frente a essas zonas de conflitos múltiplos, divergentes, muitas vezes contraditórios e sempre maleáveis?*

Sim, a Teologia procura ouvir e interpretar os conflitos e divergências contemporâneos. Uma teologia contextual precisa estar atenta às contradições de cada época e também às novas agendas. Não cabe à teologia negar os diversos aspectos da vida humana que se tornam relevantes nas diferentes épocas, mas sim, compreendê-los e, sempre que necessário, a partir da hermenêutica, interpretá-los, buscando uma constante atualização da compreensão sobre Deus que nunca será estática e definitiva.



Como nas várias áreas do conhecimento também na teologia temos Teologias variadas que abordam temas relacionados a gênero, sexualidade humana, etnia. Muitas vezes são áreas que não dialogam entre si. São capilarizadas.

Embora eu veja essas diferentes teologias como muito importantes, creio que é necessário a superação das capilarizações. Nesse sentido, fui muito provocada por um texto de Nancy Fraser sobre a eleição de Donald Trump. Ela fala do neoliberalismo progressista cuja característica é de aliar as agendas de movimentos identitários em torno de sexualidade, raça e gênero com financeirização da economia contra a proteção social universal. Segundo ela, o desafio está em construir uma nova aliança de emancipação e proteção social, contra o neoliberalismo. Neste projeto, a prosperidade não significaria aumento de valor acionário ou lucro corporativo, mas a disponibilização para todas as pessoas dos requisitos materiais necessários para uma vida com dignidade.

Essa observação de Nancy Fraser cabe muito bem à teologia, que precisa fazer cada vez mais a crítica ao Deus mercado, que se alimenta do corpo dos pobres e da natureza e aprisiona o Deus que promove o amor, o respeito ao meio-ambiente, a liberdade, a solidariedade, a compaixão, a diversidade. O risco das capilarizações é o de ser instrumentalizado para a propagação da ideia de que é possível uma sociedade menos conflituosa com a financeirização da vida, mas que aceita e acolhe a emancipação humana. Esta ideia se contrapõe totalmente à compreensão de que a plena emancipação humana só será possível com a igualdade econômica e a não exploração do meio-ambiente. Nesse sentido, é necessário que os temas de gênero, raça, meio-ambiente sejam considerados a partir da perspectiva da desigualdade entre as classes. Isso serve

também para a teologia. O grande desafio está em olhar para o presente considerando toda a sua complexidade e suas contradições, até porque, as novas experiências, as transformações nascem do que é múltiplo e não do que é único.

Temporal: *Na Semana de Filosofia da UnB de 2017, cujo mote foi a Reforma protestante, a mesa sobre religiões tinha por título "Diálogos inter-religiosos". Durante a elaboração da pauta da semana, a comissão organizadora ficou indecisa quanto à adequação do termo "diálogos". "Diálogo", como foi sugerido durante os debates do evento citado, pressupõe, em primeiro lugar, uma teia argumentativa lógica. Em segundo, uma estratégia de persuasão, cuja finalidade é promover consensos. No caso de religiões, há, ou deve/pode haver, essa redução persuasiva a um denominador comum? Ou ficaremos sempre na dinâmica tensa da tolerância?*

Não tenho muita certeza se a função do diálogo entre religiões é promover consensos. Isso é o que geralmente se fala ou se pensa em relação ao diálogo entre religiões. Entretanto, penso que a tarefa primeira do diálogo inter-religioso é possibilitar encontros autênticos entre as pessoas de diferentes tradições. Nesse encontro não necessariamente serão promovidos consensos.

Gosto de uma imagem de Martin Buber. Ele diz que a palavra de Deus baixa diante dos olhos como uma estrela cadente, de cujo fogo servirá de testemunha o meteoro, sem fazê-lo iluminar-se para quem o vê; a pessoa mesma só pode testemunhar a luz e não a pedra e dizer: é esta aqui.

Gosto dessa imagem porque ela preserva o mistério do que é Deus. Nenhuma religião consegue captar a totalidade de Deus. Logo no diálogo inter-religioso podemos aprender uns com os outros. Um diálogo sem a pretensão de construir consensos é o desafio maior. Para isso, é necessário que quem dialoga esteja aberto para ser provocado por seu interlocutor. Um diálogo aberto, autêntico, faz com os indivíduos se transformem e essa transformação incidirá também na compreensão do sagrado. Porque somente eu, como cristã, tenho acesso à verdade? Por que não também meu irmão ou minha irmã do Candomblé pode ter acesso à verdade por caminhos diferentes do meu? Jesus Cristo é salvador desde a minha compreensão de fé, mas Jesus Cristo não é o Salvador para o Budista. No entanto, eu, como cristã, posso me abrir para ser interpelada e provocada por alguém que pratica o Budismo e, a partir dessa interpelação descobrir novos aspectos da fé em Jesus Cristo. É isso que acho fascinante no diálogo inter-religioso. O importante, como diz Buber, é olhar para a pessoa com quem se dialoga. É nesse encontro e nesse olhar que se terá uma comunidade autêntica, não aquela que tem um conteúdo de fé sempre idêntico, supostamente encontrado em outras religiões, mas a comunidade da situação, da angústia humana e da expectativa.

Temporal: *Há alguns anos atrás, pensávamos que estavam superadas as violências históricas quanto às religiões de matriz afro-brasileira. Atualmente, vemos uma crescente intolerância não só quanto às religiões de origem africana, mas também quanto às religiões neopentecostais, mesmo que vindas de seguimentos diversos da sociedade. Por exemplo, não é incomum a representação caricata de personagens “evangélicas” em filmes e novelas, como antes acontecia às personagens ligadas ao candomblé. Como a senhora interpreta essas novas/velhas intolerâncias seletivas?*

Creio que é necessário separar a intolerância religiosa contra as tradições de matriz africana da intolerância contra pentecostais. Particularmente creio que em relação ao neopentecostalismo a discussão é outra.

Sobre a intolerância contra as tradições de matriz africana não é possível separar essa intolerância do racismo que nunca foi superado na sociedade brasileira. Na verdade, a intolerância contra essas tradições sempre esteve presente na sociedade. Atualmente a origem dessa intolerância parece vir mais de frequentadores e lideranças de algumas igrejas neopentecostais.

Alguns grupos neopentecostais partem para ações violentas contra terreiros e os símbolos religiosos dessa tradição. Entretanto, é necessário que sejamos muito sinceros e assumir que a intolerância contra essas tradições está presente nas diferentes igrejas cristãs. Estas tradições sempre foram associadas com o mal nas nossas Igrejas. O sincretismo religioso, que caracterizou muito a aproximação entre o cristianismo e as tradições afro não necessariamente significaram tolerância e respeito. O sincretismo pode ser visto mais como um processo de assimilação. Este processo de assimilação poderia ser visto tanto como uma estratégia de sobrevivência por parte das tradições de matriz africana, quanto como uma estratégia de controle dessas tradições pelo cristianismo. O que talvez assombre atualmente é o grau da violência contra os terreiros e seus praticantes.



Terreiros queimados, pessoas que em alguns casos não são atendidas em postos de saúde, porque estão identificadas como fiéis de alguma tradição de matriz africana. Essa intolerância é também racismo.

Em relação aos pentecostais há preconceito em relação a sua forma de celebrar. Mas é necessário considerar que essa intolerância é dirigida mais para as tradições pentecostais clássicas: Assembleia de Deus, entre outras. No entanto, é uma intolerância muito diferente da sofrida pelas pessoas praticantes das tradições de matriz africana. Não vemos igrejas pentecostais sendo queimadas, nem bíblias sendo rasgadas. As representações caricatas dos personagens evangélicos tem muito a ver com sua forma de se vestir, com a dupla moral, etc. Claro que essa representação caricata tem a ver com preconceito e como tal deve ser revisto e não deve ser aceito, entretanto, ele precisa ser visto de forma diferente da intolerância sofrida pelas comunidades de terreiro.

Em relação ao neopentecostalismo, creio que o debate seria bem outro. Nesse campo entra a teologia da prosperidade, o acesso desses grupos a canais de rádio e televisão. É conhecido o discurso de muitos líderes neopentecostais que promovem o discurso de ódio contra as tradições de matriz africana, LGBTQ, mulheres e outros grupos. Não sei se a intolerância que sofrem, nesse caso, não seria uma reação à intolerância promovida por eles. Embora, não seja aceitável que a reação à violência seja a violência, não podemos esquecer que somos humanos e, como tal, temos limites.

Quando o assunto é a intolerância religiosa, penso que é necessário olhar de forma microscópica para a história do nosso país. A violência religiosa sempre nos caracterizou. Nós nunca conseguimos viver bem com a pluralidade religiosa. Um exemplo claro disso são as tradições indígenas, sempre alvo de

conversões e perseguições. Há pouco tempo que o Brasil deixou de ser considerado um país católico. Todo o brasileiro até a década de 1970 se apresentava como católico mesmo sendo espírita ou praticante do candomblé. Talvez os únicos que assumissem a sua identidade eram os protestantes. No entanto, a pluralidade religiosa já existia. Antes de sermos cristãos-católicos, o Brasil era indígena e como país indígena a tradição religiosa originária do nosso país é indígena. Só que nós não nos reconhecemos assim. Temos um conflito

Temporal: *Por fim, como falamos das múltiplas linhas de reivindicações específicas que se movem e reconfiguram o tecido da sociedade, entre essas tensões aquelas que se voltam aos direitos das mulheres, qual seria a perspectiva de uma teologia propriamente feminista?*

A primeira perspectiva é reconhecer que o patriarcalismo está presente no cristianismo e é determinante para a interpretação bíblica, na teologia e na forma de organização das Igrejas, extremamente hierárquicas e masculinas. As mulheres estão sempre na base das igrejas, enquanto os homens ocupam os espaços de decisão.

A teologia feminista faz a crítica a esse modelo patriarcal de religião. Ela suspeita da bíblia e olha o texto bíblico no seu contexto, perguntando pelo autor do texto, sua intencionalidade e os conflitos envolvidos.

A hermenêutica da suspeita é muito importante, pois a palavra de Deus é usada contra as mulheres como violência simbólica e, muitas vezes, para legitimar a violência física e para justificar o domínio dos corpos e mentes das mulheres.

Outra perspectiva da teologia feminista é a elaborada por Fiorenza, uma das principais teólogas feministas. Ao invés de patriarcado, ela fala em Kyriarcado como um sistema de dominação. *Kyrios* é o imperador, o senhor, dono de escravo, pai, marido, homem livre. Era aquele a quem estavam subordinados todos os membros da casa. Era por quem os membros da casa eram dominados. Fazendo a crítica, a teologia feminista propõe uma comunidade de iguais, em que mulheres e homens sejam livres e tenham o direito de decidir sobre suas vidas.

Claro que a teologia feminista é uma das “teologias heréticas”, porque ela toca em um dos pontos mais sensíveis das instituições eclesiais, que são o poder, a hierarquia, o questionamento sobre o domínio da interpretação bíblica, entre outras questões.

Não surpreende que em pleno século XXI lideranças religiosas se contraponham aos movimentos de emancipação da mulher promovendo ataques ideológicos contra o debate sobre gênero. Essa violência contra os movimentos de emancipação talvez seja o último suspiro de uma religião patriarcal/kyriarcal. Em uma comunidade de iguais não há espaço para o poder como dominação, o poder é compreendido como serviço.

* **Romi Márcia Bencke** é bacharel em Teologia pelas Faculdades EST da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – São Leopoldo; Mestre em Ciência da Religião pela Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente exerce a função de secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil.